

5

Aspectos metodológicos

Baseado no contexto de pesquisa acadêmica de abordagem qualitativa, este capítulo apresenta os pressupostos teóricos relativos à natureza desse tipo de pesquisa (Denzin e Lincoln, 2006); a modalidade adotada neste trabalho, a pesquisa de cunho etnográfico (André, 2001); e os construtos teóricos relativos à entrevista de pesquisa qualitativa do tipo semiestruturado (Gaskell, 2007), instrumento utilizado para a geração de dados. Após a apresentação e discussão sobre as questões teórico-metodológicas, descrevo o contexto de pesquisa e os procedimentos para a geração dos dados. Prossigo com a justificativa para a seleção dos excertos de entrevistas e a descrição das categorias de análise utilizadas.

Destaco que são fornecidas descrições e discussões detalhadas acerca dos aspectos teórico-metodológicos devido a importância desses construtos e procedimentos para a geração dos dados, que visou a promoção de uma prática reflexiva fornecedora de material discursivo (na forma de entrevistas, produto da interação dos participantes) para a investigação do processo identitário.

5.1.

Natureza da pesquisa

A metodologia de pesquisa adotada neste estudo insere-se na tradição de pesquisas qualitativas, mais especificamente no paradigma interpretativista (Denzin e Lincoln, 2006), pois a interpretação é inerente ao ato de investigar (Erickson, 1990). Embora a pesquisa qualitativa não se oponha à quantitativa (Minayo, 2003), o paradigma qualitativo sugere a interpretação no lugar da mensuração e a descoberta ao invés da constatação. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador estuda as coisas “em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (Denzin e Lincoln, 2006, p. 17). Além disso, a pesquisa qualitativa não privilegia nenhuma única prática metodológica em relação a outra, e não possui um grupo de práticas ou métodos exclusivamente seus, podendo o pesquisador

fazer uso da análise semiótica, da análise da narrativa, do conteúdo, do discurso, entre outros (Denzin e Lincoln, 2006, p. 20).

Dentre as diferentes abordagens que podem associar-se à pesquisa qualitativa encontra-se a pesquisa de cunho etnográfico (André, 2001), modalidade adotada neste estudo. A etnografia é uma abordagem de pesquisa desenvolvida por antropólogos para estudar a cultura e a sociedade, preocupando-se em investigar suas práticas, crenças, valores, significados e demais aspectos socioculturais. Dentre os pilares que sustentam a pesquisa etnográfica, encontra-se a interação prolongada entre o pesquisador e os participantes pesquisados, e a interação cotidiana do pesquisador no universo pesquisado

Segundo Lüdke e André (1986), três etapas configuram a realização da pesquisa etnográfica: a exploração, que consiste na escolha de campo e participantes pesquisados bem como observações iniciais e aproximações *no e com* o contexto de pesquisa; a decisão, que caracteriza-se pela seleção dos dados, das fontes e instrumentos de investigação; e a descoberta, que revela-se na explicação da realidade e no modo de situar as descobertas e conclusões em um contexto mais amplo.

Quanto às técnicas de investigação propostas, os etnógrafos utilizam a observação participante, a entrevista e a análise de documentos. No presente trabalho, a pesquisadora está inserida no contexto da pesquisa como participante e também como observadora, tendo sido necessário observar os participantes da pesquisa e o contexto profissional no qual estão inseridos para que as questões de pesquisa e a investigação fossem desenvolvidas. Contudo, somente a entrevista de pesquisa é utilizada como procedimento metodológico gerador de dados, uma vez que não foram feitas anotações a respeito das observações. A entrevista utilizada foi a entrevista de pesquisa qualitativa semelhante ao tipo semiestruturado (Gaskell, 2007). São vistas na próxima seção as articulações teóricas para essa escolha.

5.2.

A entrevista como procedimento metodológico

Diferentes definições têm sido elaboradas para categorizar a entrevista como procedimento metodológico visando a geração de dados. Para Linde (1993, p. 58), a entrevista mostra-se como uma estratégia ou meio através do qual é

possível elicitare uma unidade de discurso (como uma explicação ou uma descrição) ou, mais especificamente, um determinado tópico (Linde, 1993, p. 58). De acordo com Mishler (1986), a entrevista de pesquisa é um “evento de fala” moldado por respostas a perguntas em uma coconstrução entre entrevistado e entrevistador sobre o que falam um para o outro.

Em uma visão similar a de Mishler (1986), Haguette (1997, p. 86) entende a entrevista como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. No mesmo viés socioconstrucionista, Moita Lopes (2003, p. 33), postula que a entrevista de pesquisa “é utilizada como um espaço discursivo em que o contexto social em que se realiza como também a construção conjunta de significado pelos participantes (entrevistados e entrevistador) são considerados fatores centrais em sua interpretação”. Por sua vez, Nunkoosing (2005, p. 699), acredita que entrevista constitui-se em uma forma de convidar e persuadir o entrevistado a pensar e falar sobre suas necessidades, desejos, expectativas, experiências e seus modos de entender o mundo, tanto em um nível consciente quanto inconsciente.

Na presente pesquisa, adoto a entrevista como procedimento metodológico sob a perspectiva defendida pelos autores aqui referenciados (Haguette, 1997; Linde, 1993; Mishler, 1986; Moita Lopes, 2003; Nunkoosing, 2005). Portanto, este estudo considera a entrevista como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre dois ou mais participantes, sendo um deles o participante pesquisador, que tem um objetivo previamente definido e que irá convidar o outro, o participante entrevistado que possui as informações que viabilizam a investigação, a refletir e falar sobre o assunto em questão. Ao conceber a entrevista de pesquisa qualitativa como espaço sociodiscursivo para a geração de dados, objetivo oportunizar uma reflexão sobre os elementos que compõem o pensar e o agir do professor coordenador, construindo os alicerces para a compreensão de suas identidades.

Como o processo identitário pode ser investigado a partir da análise e estudo das narrativas (Fabricio e Bastos, 2009; Moita Lopes, 2001; Bastos, 2005; Schiffrin, 2000) e como as narrativas podem ser elicitadas no contexto da entrevista de pesquisa (Labov e Waletzky, 1967), a entrevista também é

considerada neste trabalho como *locus* para a geração de narrativas visando a investigação sobre a construção de identidades.

Em seus estudos sobre narrativas, Mishler (1986) sugere que a entrevista é uma forma de discurso e que as narrativas, consideradas práticas discursivas, são (co)construídas entre o entrevistador e o entrevistado. Young (1987 *apud* De Fina e Perrino, 2011, p. 2) argumenta que as narrativas envolvem a produção discursiva e a coordenação de três domínios ou mundos distintos: o mundo onde ocorre o evento comunicativo, ou seja, a entrevista; o mundo da narrativa, ou domínio onde a história está sendo narrada; e o mundo da narração, isto é, o mundo onde a história que está sendo narrada acontece. Os participantes alinham-se em relação a esses diferentes mundos, o que gera posicionamentos interacionais distintos e práticas metadiscursivas cuja análise demonstra o modo como o discurso forma e é formado pelo contexto (Bauman, 1986 *apud* De Fina e Perrino, 2011, p. 2). Uma vez que, segundo Moita Lopes (2003, p. 19), a temática da questão identitária está relacionada à concepção de linguagem como discurso, o estudo das “narrativas *elicitadas na* entrevista” ou das “narrativas *na* entrevista” (De Fina e Perrino, 2011, p. 6) torna-se relevante para este trabalho.

Embora as abordagens e discussões que circunscrevem as diferentes tipologias e usos da entrevista sejam amplas (May, 2004), este trabalho concentra-se apenas nas concepções acerca da entrevista de pesquisa qualitativa semi-estruturada, cujos construtos teóricos são vistos a seguir.

5.2.1.

A entrevista de pesquisa qualitativa semiestruturada

Gaskell (2007, p. 64-89) fornece fundamentações teóricas relativas à orientação para a pesquisa qualitativa que utiliza como instrumento de construção de dados a entrevista semiestruturada com um único respondente (a entrevista em profundidade) ou com um grupo de respondentes (o grupo focal).

Para Gaskell (2007), a entrevista individual é uma interação de díade, indicada quando o objetivo da pesquisa é conhecer em profundidade os significados e a visão da pessoa entrevistada. Esta modalidade de entrevista é utilizada em estudos de caso, história oral, histórias de vida e biografias, que demandam um nível maior de detalhamento. É preferida também quando a

investigação aborda assuntos delicados, difíceis de serem tratados em situação de grupo. A escolha da modalidade individual de entrevista também pode decorrer das características ou condições do entrevistado, pois oferece mais flexibilidade para o agendamento de horário e de local de realização. Em contrapartida, a entrevista grupal (Gaskell, 2002) é indicada para pesquisas cuja temática seja de interesse público ou preocupação comum, por exemplo, política, mídia, lazer, novas tecnologias, e para assuntos e questões de natureza relativamente não familiar, que não tenham o caráter excessivamente íntimo ou exijam muito aprofundamento de cada pessoa.

Ao comparar as entrevistas individuais com as grupais, Morgan (1997) argumenta que as entrevistas grupais oferecem ao pesquisador a oportunidade de observar *in loco* as semelhanças e diferenças entre opiniões e experiências dos participantes. Nas entrevistas individuais este mapeamento só poderia ser obtido pela posterior análise comparativa de cada uma das entrevistas transcritas. Um aspecto da entrevista individual que Morgan (1997) compartilha com Gaskell (2007) é a ideia de que este tipo de entrevista favorece uma maior proximidade de cada participante, proporcionando o conhecimento em profundidade dos significados pessoais de cada entrevistado.

Antes da escolha de qualquer forma de entrevista, Gaskell (2007, p. 66) propõe que duas questões sejam consideradas: “o que perguntar e a quem perguntar”. A primeira questão diz respeito a seleção do *tópico guia* que “é planejado para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa”. Segundo o autor, o tópico não é uma lista de perguntas. Ele funciona como um lembrete para o entrevistador, que deve usá-lo com flexibilidade. Mattos e Lincoln (2005) explicam que na entrevista semiestruturada as questões não precisam seguir a ordem prevista, permitindo que o pesquisado tenha alguma liberdade para desenvolver as respostas de acordo com aspectos considerados mais importantes. Além disso, novas questões podem ser formuladas pelo pesquisador com o objetivo de esclarecer dúvidas e de gerar orientações e hipóteses para o aprofundamento da investigação. Na verdade, “as perguntas são quase que um convite ao entrevistado, para falar longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir” (Gaskell, 2007, p. 73), pois o objetivo da pesquisa qualitativa não se restringe a conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema.

Existe uma preocupação em entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões dessas pessoas.

No que tange à segunda questão a ser considerada antes da escolha da forma de entrevista, isto é, “a quem perguntar” ou a seleção do(s) entrevistado(s), Gaskell (2007, p. 66) argumenta que o objetivo da entrevista qualitativa não é contar opiniões, mas explorar os espectros de opiniões e representações sobre o assunto pesquisado, maximizando a oportunidade de compreender as diferentes posições tomadas pelos membros do meio social. Em relação ao número de entrevistas necessário, o autor indica que este dependerá do objetivo e natureza do tópico estudado. Afinal, o importante não é o número de entrevistados, mas os conteúdos que os entrevistados trazem para a compreensão do tema em questão, pois a finalidade da abordagem qualitativa não é quantificar opiniões, mas explorar e compreender os diferentes pontos de vista em relação ao assunto investigado.

As variadas abordagens de entrevistas de pesquisa e suas diferenças metodológicas repercutem não somente na sua estrutura, na definição de seus objetivos e nas formas de análise dos dados construídos, mas também no papel do entrevistador e do entrevistado. Sob essa perspectiva e considerando o pressuposto de que a entrevista qualitativa é uma abordagem que permite a compreensão da realidade humana, a próxima subseção destina-se a uma reflexão sobre os papéis dos participantes, entrevistador e entrevistado.

5.2.2.

Os papéis dos participantes na entrevista

Prus (1996, p. 196 *apud* Schwandt, 2006, p. 207) defende a ideia do investigador como indivíduo que:

(...) tenta minimizar a intromissão do pesquisador no campo e no texto que é produzido ao final (...), uma imagem de um pesquisador que mais lembra a de um camaleão (...) o qual ajusta-se à situação, causando o mínimo transtorno, e cujo trabalho permite que os mundos de vida do outro venham à tona da forma mais completa e desimpedida possível.

Em contraste com a visão de Prus (1996, p. 196 *apud* Schwandt, 2006, p. 207), Denzin e Lincoln (2006, p. 391), conceituam a investigação qualitativa

como um “projeto cívico, participativo, colaborativo, que faz com que o pesquisador e os pesquisados envolvam-se em um diálogo moral contínuo”. Consequentemente, o desengajamento e a neutralidade do pesquisador entrevistador não é possível. Dessa forma, podemos afirmar que os dados gerados em entrevistas não são simplesmente peças de informação precisas ou distorcidas. Esses dados são reflexos dos modos pelos quais as pessoas percebem os eventos e as relações. Afinal, as entrevistas são mediadas não apenas pelo entrevistado, mas também pelo entrevistador. Sob essa ótica, Gaskell (2007, p. 73) indica que:

Toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para o outro (entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas.

Sob uma perspectiva similar a de Gaskell (2007) em relação aos papéis dos participantes, Fontana e Frey (1994) consideram que a entrevista qualitativa é um “texto negociado” originado de um processo interativo e cooperativo que envolve o entrevistado e o entrevistador na produção do conhecimento e na consequente construção de dados. Goldenberg (1999, p. 85 *apud* Batista, 2009, p. 184) sugere que a entrevista é uma situação em que “lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo”. Nessa situação, o entrevistado pode, por exemplo, procurar a cumplicidade e o apoio do entrevistador para convencer a audiência sobre a reportabilidade da sua história e das suas avaliações (Batista, 2009, p. 184). Afinal, “O pesquisador qualitativo não é um observador objetivo, oficial politicamente neutro, que está fora ou acima do texto” (Denzin e Lincoln, 2006, p. 391).

Neste estudo, entendo o pesquisador como um participante no processo de pesquisa, pois ele interfere na pesquisa realizada de diversas formas, seja como participante entrevistador, por exemplo, ou como membro docente da instituição pesquisada e colega de trabalho dos outros participantes. Em suma, o pesquisador é um participante ativo inserido no mesmo meio sociocultural e discursivo que seus colegas, os participantes entrevistados; sendo, portanto, influenciado por eles e ao mesmo tempo, exercendo sobre eles uma determinada influência.

As diferentes abordagens relativas aos papéis do entrevistador e do entrevistado levam a um processo de “reflexão crítica sobre o eu na função de pesquisador” (Denzin e Lincoln, 2006, p. 188) e sobre a abordagem que se quer adotar para as “compreensões existenciais em profundidade” (Denzin, 1994, p. 64 *apud* Schwandt, 2006, p. 208). Com base em tais premissas, um aspecto destaca-se na entrevista de pesquisa qualitativa: as relações de poder entre os participantes da entrevista, entrevistador e entrevistado.

5.2.3.

As relações de poder na entrevista

Para Nunkoosing (2005, p. 699), na dinâmica interacional da entrevista, o exercício do poder é uma característica inerente tanto ao entrevistador quanto ao entrevistado, ou seja, existe uma simetria de poder. O poder do entrevistador consiste em sua autoridade no papel de quem procura conhecimento; enquanto que o poder do entrevistado encontra-se no papel de alguém que tem o privilégio desse conhecimento. Ao convidar o participante a fazer parte do estudo em questão, o entrevistador também cede autoridade, sendo que ele deve explicar os riscos envolvidos. O convidado, por sua vez, deve aceitar o convite e concordar em assumir tais riscos ou resistir ao poder de persuasão do entrevistador. Esse jogo de poder continua durante toda a entrevista, quando o entrevistado, por exemplo, escolhe aspectos de sua vida que ele tem interesse em revelar em detrimento de outros que o entrevistador pode estar mais interessado em conhecer (Nunkoosing, 2005, p. 701).

Diferentemente de Nunkoosing (2005), Mishler (1986, p.117-120) defende a concepção de que tradicionalmente a relação entre o entrevistado e o entrevistador é marcada por uma assimetria de poder, e propõe alternativas que visam o empoderamento dos entrevistados através da redefinição dos papéis dos participantes desta interação, entrevistado e entrevistador, normalmente vistos como informante e repórter, respectivamente. Um exemplo dessa reformulação de papéis foi desenvolvida por uma pesquisadora citada por Mishler (1986, p. 129), Anita Mishler, cuja pesquisa envolvia a geração de dados sobre a vida de estudantes universitários. A pesquisadora criou um esquema de entrevista que levava os estudantes a refletirem sobre a forma como relacionavam seus estudos a

outras partes de suas vidas, considerando implicações e problemas. Como consequência, essa pesquisa reduziu a alienação e promoveu o empoderamento dos entrevistados.

Na presente pesquisa, entendo que a relação de poder entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa deve visar a simetria no que tange a geração e utilização dos dados. Por isso, antes das entrevistas serem realizadas, expliquei aos participantes as questões identitárias que buscava investigar e a forma como planejava desenvolver a construção e análise dos dados. Após a realização das entrevistas, todos os participantes tiveram acesso aos seus textos transcritos de modo que pudessem remover qualquer parte do discurso que não devesse ser incluída na análise ou ainda explicar/comentar qualquer parte que desejassem esclarecer ou desenvolver. Este procedimento pauta-se em Nunkoosing (2005, p. 701), cujos estudos indicam que o que é dito no momento da entrevista pode não estar sob controle completo do falante. Uma outra razão para disponibilizar aos participantes a transcrição das entrevistas foi a intenção de promover a prática reflexiva entre os participantes. A reflexão crítica torna-se importante na investigação das identidades porque permite que as pessoas se dêem “conta da realidade sociocultural que molda suas vidas, bem como da capacidade de transformar essa mesma realidade agindo nela” (Freire, 1970, p. 27).

A relação intersubjetiva do entrevistador e do entrevistado é uma questão central da entrevista qualitativa. Quando essa relação é concebida como um processo de interação social, ela permite um diálogo amplo e aberto favorecendo o acesso às percepções do entrevistado a respeito das questões propostas, ao modo como ele percebe o mundo, às suas crenças, aos valores e aos significados que ele atribui a si, aos outros e ao mundo circundante. Por conseguinte, a entrevista torna-se um processo de influência mútua produzindo um discurso compartilhado pelos dois: pesquisador e participante. E é esta visão de entrevista de pesquisa que será adotada neste trabalho.

Na próxima seção, é delineado o universo *locus* da pesquisa e são apresentados os seus participantes.

5.3.

O contexto da pesquisa

A instituição onde ocorreu a pesquisa recebeu o nome fictício⁴ de Colégio Brasil. O Colégio Brasil pertence à rede particular de ensino do Rio de Janeiro e possui duas unidades em diferentes áreas deste estado. A escola oferece aulas para todos os ciclos de ensino: Ensino Infantil (EI), Ensino Fundamental I (EFI), Ensino Fundamental II (EFII) e Ensino Médio (EM). Em relação às aulas de língua estrangeira, a escola oferece o ensino de dois idiomas, sendo um deles a língua inglesa, cujas aulas, regulares e obrigatórias, são iniciadas a partir do 5º. ano do Ensino Fundamental I.

Quanto à estrutura organizacional da coordenação, a instituição apresenta dois tipos de professor coordenador: os professores coordenadores de segmento (EI, EFI, EFII, e EM), sendo um para cada segmento e os professores coordenadores de área, isto é, os professores responsáveis por coordenarem as diferentes disciplinas (matemática, português, inglês e assim por diante), havendo um coordenador para cada disciplina. Os professores coordenadores de área estão subordinados aos de segmento, estando todos esses profissionais subordinados à direção. No que tange à formação acadêmica, a maioria desses coordenadores não tem formação na área de pedagogia, sendo que o convite para exercerem a função de coordenador nessa instituição partiu da direção da escola.

Decidi desenvolver esta pesquisa no Colégio Brasil porque, além das razões anteriormente citadas (cf. cap. 1, p. 13), nesta escola, cuja coordenação de língua inglesa existe há nove anos aproximadamente, as funções do professor coordenador de inglês ainda estão sendo definidas, o que obviamente também ocorre em outras instituições de ensino.

Os participantes entrevistados, cujas idades encontram-se entre 29 e 48 anos, receberam os seguintes nomes fictícios: Ana, Flávio, Lídia e Wagner, professores de língua inglesa; Gisele, professora coordenadora de inglês; Marina, vice-diretora; e Pedro, diretor.

⁴ Todos os nomes (exceto o da professora pesquisadora, autora deste trabalho), locais e outras informações que pudessem identificar a instituição *locus* da pesquisa e os participantes foram omitidos ou alterados por questões éticas, a fim de preservar o anonimato das pessoas e instituições referenciadas neste estudo.

A escolha pelos referidos professores resultou não somente da disposição e interesse dos mesmos em participar deste estudo, mas também do fato de serem esses professores os representantes do corpo docente de dois segmentos de ensino distintos na escola onde a pesquisa foi desenvolvida: o EF II e o EM. Todos esses professores de inglês ministram aulas no EF II, sendo que a professora Ana e a professora pesquisadora também são docentes no EM. Os professores de inglês do EF I não foram convidados a participar desta pesquisa devido à incompatibilidade de horários para as entrevistas. Como a instituição *locus* da pesquisa não oferece aulas de inglês para o Ensino Infantil e, conseqüentemente, não possui um coordenador de inglês para esse ciclo, os professores do referido segmento não fizeram parte deste trabalho.

O convite para a coordenadora de inglês participar desta pesquisa originou-se do fato de ser essa profissional a coordenadora de inglês de todos os ciclos de ensino (EF I, EF II, e EM) na escola onde a pesquisa ocorreu.

A vice-diretora e o diretor foram convidados a participar deste estudo devido a suas posições hierárquicas e funções na instituição *locus* de pesquisa, pois eles são as pessoas que representam mais claramente os interesses da instituição. Por conseguinte, esses profissionais podem oferecer perspectivas acerca das identidades do professor coordenador de inglês diferentes daquelas oferecidas pelos professores de inglês e pela própria coordenadora de inglês. Além disso, a vice-diretora, antes de assumir sua atual posição no Colégio Brasil, foi coordenadora pedagógica no EF II dessa escola bem como em outras instituições. O diretor Pedro também atuou no Colégio Brasil como professor e como coordenador da disciplina que lecionava antes de tornar-se diretor dessa escola. Portanto, esses profissionais já vivenciaram experiências similares àsquelas vividas pelos professores de inglês e pela coordenadora de inglês, em virtude de terem ocupado tais posições profissionais.

A figura a seguir (figura 2) apresenta os participantes desta pesquisa e ilustra suas posições hierarquicamente dentro da instituição *locus* da pesquisa, o Colégio Brasil.



Figura 2: Posição hierárquica dos participantes no Colégio Brasil.

Acredito que o fato de os participantes ocuparem diferentes posições na instituição *locus* de pesquisa e, de certa forma, terem contextos profissionais e de vida diferentes, possibilita o acesso a experiências e pontos de vista variados, o que poderá prover diferentes perspectivas acerca do processo de construção identitária do coordenador de inglês, aspecto que considero relevante para esta investigação.

5.3.1.

O perfil acadêmico e profissional dos participantes

Todos os professores de inglês, inclusive a professora coordenadora de inglês, possuem habilitação específica para o ensino de língua inglesa bem como curso(s) de pós-graduação, na área de especialização em língua inglesa ou em outras áreas. Os demais participantes, isto é, a vice-diretora e o diretor, também possuem cursos de pós-graduação. O quadro a seguir (quadro 2) apresenta informações sobre o perfil acadêmico dos participantes desta pesquisa.

Nome	Graduação	Curso de Especialização	Mestrado/ Doutorado
Ana	Letras Inglês-Literaturas	Especialização em Língua Inglesa	-
Lídia	Letras Português-Inglês	Especialização em Língua Inglesa	-
Célia	Ciências Biológicas e Letras Português-Inglês	Especialização em Língua Inglesa	Mestranda em Estudos da Linguagem
Flávio	Letras Inglês-Literaturas	Especialização em Língua Inglesa e MBA em Gestão e Marketing	-
Wagner	História e Pedagogia	Especialização em Língua Inglesa	-
Gisele	Arquitetura e Complementação Pedagógica para o ensino de inglês	MBA em Gestão Empresarial	-
Marina	Pedagogia	Especialização em Pedagogia, em Filosofia para crianças, em Orientação Educacional, e em Ensino Superior	Mestrado em Educação e Doutoranda em Educação
Pedro	Educação Física	Especialização em Administração Escolar e MBA em Gestão Empresarial	-

Quadro 2: Perfil acadêmico dos participantes (Idades entre 29-48 anos)

Todos os professores de inglês desta pesquisa, incluindo a professora coordenadora de inglês, trabalham como professores na rede particular/pública de ensino há mais de 15 anos, exceto Lídia e Wagner que iniciaram sua carreira no magistério há 5 anos e 10 anos, respectivamente. A vice-diretora, e o diretor do Colégio Brasil também trabalharam como professores por mais de 15 anos.

Em relação à experiência em coordenação⁵, a professora Ana, a professora pesquisadora, e o professor Flávio já exerceram a função de coordenador em outras instituições durante um período de 1 ano, 3 anos e 6 anos, respectivamente. A diretora e o vice-diretor possuem experiência de mais de dez anos na área de

⁵ Ao usar a palavra coordenação, refiro-me à qualquer tipo de coordenação realizada por um professor em uma instituição de ensino: coordenação pedagógica; coordenação administrativa; coordenação de segmento (EI, EFI, EFII, EM); coordenação de área, isto é, da disciplina que o professor leciona, como é o caso do professor coordenador de inglês; e outros tipos de coordenação relacionadas ao contexto de ensino.

coordenação, sendo que, atualmente, dedicam-se exclusivamente ao exercício de suas novas funções na direção da instituição *locus* da pesquisa.

O quadro abaixo (quadro 3) sintetiza algumas informações sobre o perfil profissional dos participantes desta pesquisa.

Nome (Tempo de magistério: mais de 15 anos, exceto*)	Posição que ocupa no Colégio Brasil	Tempo de serviço no Colégio Brasil	Segmentos em que atua no Colégio Brasil	Tempo de serviço como coordenador em outras instituições
Ana	Professora	8 anos	EFII e EM	1 ano
*Lídia (5 anos)	Professora	5 anos	EF II	-
Célia	Professora	4 anos	EFII e EM	3 anos
Flávio	Professora	3 anos	EF II	6 anos
*Wagner (10 anos)	Professora	2 anos	EF II	-
Gisele	Professora	5 anos	EM	7 anos
	Coordenadora de inglês		EFI, EF II e EM	
Marina	Coordenadora do EF II	1 ano	EI, EFI, EF II e EM	Mais de 10 anos
	Vice-diretora	1 ano		
Pedro	Professor e coordenador de sua disciplina	Mais de 10 anos	EI, EFI, EF II e EM	-
	Diretor	1 ano		

Quadro 3: Perfil profissional dos participantes (Idades entre 29-48 anos)

A seguir, é descrito o processo de geração dos dados desta pesquisa.

5.4.

A construção dos dados

Em uma conversa informal e individual, expliquei aos participantes da pesquisa as questões identitárias que buscava investigar e a forma como planejava gerar os dados. Todos os participantes da pesquisa mostraram-se solícitos, aceitando prontamente o convite. Em relação a autorização para a gravação e posterior utilização dos dados, o consentimento dos participantes foi dado à mim verbalmente.

As entrevistas com o grupo de inglês (professores e coordenadora de inglês) foram realizadas nas dependências do Colégio Brasil, no período de

novembro de 2011 a dezembro de 2012, sem agendamento prévio e em dias diferentes, em função do horário de trabalho dos participantes. Considero os dados advindos de entrevistas feitas em diferentes momentos, sem agendamento prévio como um aspecto positivo que, somado ao fato dos participantes serem meus colegas de trabalho, confere um caráter de informalidade à entrevista. Consequentemente, cria-se um relacionamento amigável e uma interação similar àquela encontrada em conversas informais ou “bate-papos” que ocorrem na sala dos professores durante os intervalos. Esse tipo de entrevista corrobora para a concepção da pesquisa qualitativa como um “projeto cívico, participativo, colaborativo, que faz com que o pesquisador e os pesquisados envolvam-se em um diálogo moral contínuo” (Denzin e Lincoln, 2006, p. 391), conforme mencionado anteriormente neste capítulo (cf. subseção 5.2.2, p. 79). A entrevista com a vice-diretora e com o diretor também aconteceu na instituição *locus* de pesquisa; porém, em dia e horário previamente estabelecidos devido aos compromissos na agenda de trabalho desses participantes.

Para a gravação das entrevistas, um total de vinte, utilizei um gravador de voz digital. Quanto a duração das entrevistas, houve grande variação, tendo a mais curta durado menos de um minuto e a mais longa vinte minutos. A variação na duração das entrevistas está relacionada ao procedimento metodológico adotado, que, por sua vez, está condicionado aos fundamentos teóricos e metodológicos bem como aos objetivos da pesquisa. Como será explicado na subseção 5.4.1 deste capítulo (cf. p. 89), algumas entrevistas (as da segunda fase com professores/coordenadora) eram uma oportunidade para refletir e comentar - ou não - as entrevistas dos outros participantes. Alguns participantes leram tais entrevistas (estando o gravador desligado) e fizeram comentários curtos. Por isso, as entrevistas duraram um minuto ou menos. Houve ainda duas oportunidades de entrevista nas quais os participantes não viram necessidade de fazer comentários a respeito do assunto proposto, por isso não houve gravação. Entretanto, considero essas duas oportunidades como entrevistas realizadas para a composição dos aspectos metodológicos, neste caso, a geração de dados (cf. Anexo 9: Entrevista 8 e Anexo 16: Entrevista15).

A transcrição completa das entrevistas, além de informações concernentes à duração de cada uma bem como o mês e o ano em que foram feitas, encontra-se nos anexos.

Na próxima subseção, encontram-se os procedimentos para a realização das entrevistas.

5.4.1.

A entrevista com os docentes e com a coordenação

A entrevista individual foi o procedimento adotado não só devido ao fato desse tipo de entrevista proporcionar um conhecimento em profundidade dos significados e da visão da pessoa entrevistada (Gaskell, 2007), mas também porque ela oferece maior flexibilidade no que concerne à disponibilidade de horários dos participantes para as entrevistas. Por isso, todas as entrevistas com os professores de inglês e com a professora coordenadora de inglês foram feitas individualmente, exceto a primeira, realizada no mês de outubro de 2011 com os professores Flávio e Ana juntos, devido à indisponibilidade de horários desses professores para realizar as entrevistas individualmente no início desta pesquisa. Nessa entrevista o gravador de voz digital foi colocado sobre a carteira de uma sala de aula durante o intervalo do recreio. A sala escolhida tinha suas janelas voltadas para um local de grande circulação de alunos, o que dificultou a transcrição dos dados, principalmente da fala do professor Flávio, pelo excesso de barulho. O mesmo procedimento foi utilizado nas demais entrevistas, porém durante horários em que não havia barulho excessivo, o que facilitou a transcrição.

Nesta etapa da geração de dados, os professores de inglês bem como a professora coordenadora de inglês participaram de entrevistas realizadas em três fases distintas ao longo do período de outubro de 2011 a maio de 2012. No total, fiz três entrevistas com cada professor e seis entrevistas com a professora coordenadora de inglês. Como preparação para a realização da primeira fase de entrevistas formulei algumas perguntas norteadoras que poderiam ser utilizadas durante esse evento de fala. As perguntas consideram o fato de que a professora Ana e o professor Flávio já exerceram a função de coordenador em outras instituições:

- O que vem à sua mente, quando você pensa no trabalho do coordenador de inglês?
- Quais as funções/papéis do coordenador de inglês?

- Que conhecimentos/habilidades são importantes para o desempenho das tarefas do coordenador de inglês na instituição onde ele trabalha ?
- Você se lembra de alguma experiência positiva ou negativa relativa à coordenação (ou ao coordenador) de inglês?
- Como você se tornou coordenador (a) de inglês?
- Você poderia me dizer algo mais sobre... ?
- Há mais alguma coisa que você gostaria de dizer sobre... ?

As perguntas serviriam apenas para o início de uma reflexão sobre o tópico investigado. Afinal, segundo diferentes autores (Mishler, 1986; Fontana e Frey, 2000; Denzin e Lincoln, 2006), a entrevista qualitativa é um “texto negociado” originado de um processo interativo e cooperativo que envolve o entrevistado e o entrevistador na produção do conhecimento. Todavia, procurei utilizar perguntas que fossem comuns a todas as entrevistas, com a finalidade de oferecer aos diferentes participantes a oportunidade de reflexão sobre os mesmos temas. A primeira pergunta feita na primeira entrevista, por exemplo, diz respeito ao papel/função do coordenador. Por isso, essa pergunta foi repetida nas demais entrevistas. Outras perguntas (que não foram previamente elaboradas) surgiram ao longo das entrevistas devido às respostas e comentários dos participantes. A figura abaixo (figura 3) esquematiza a realização da primeira fase de entrevistas.



Figura 3: Esquema representativo da primeira fase de entrevista.

Para a segunda fase de entrevistas, foram transcritas as entrevistas feitas com os participantes na primeira fase. Nessa segunda entrevista, realizada individualmente, pedi a cada participante para ler a sua própria entrevista e perguntei se havia algum trecho que fosse de seu desejo comentar. A leitura dos textos de entrevistas ocorreu na minha presença (geralmente, com o gravador desligado). Algumas vezes, também escolhi trechos específicos da entrevista em questão e pedi ao participante para comentá-los ou esclarecê-los. A escolha de tais trechos deveu-se ao fato de considerá-los interessantes para a investigação acerca do processo identitário ou simplesmente por achá-los pouco claros, necessitando, portanto, de uma explicação. A figura abaixo (figura 4) representa a segunda fase de entrevistas. As setas curvas de cor branca representam o momento de cada participante refletir sobre a sua própria entrevista.

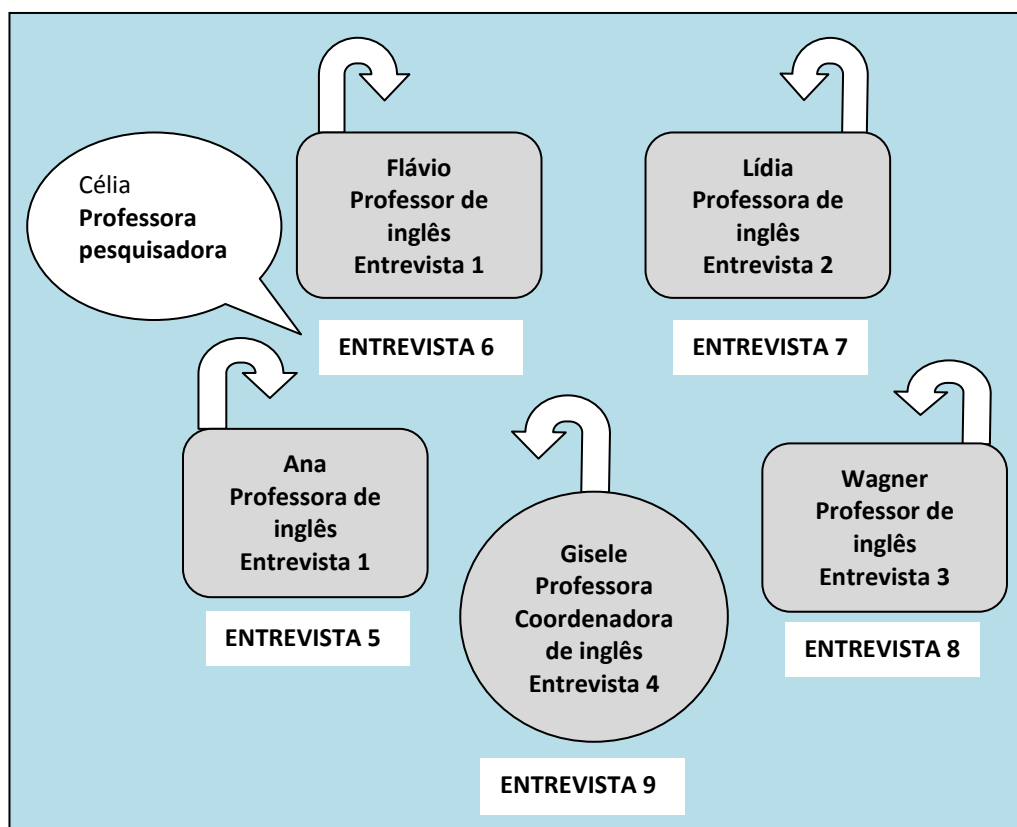


Figura 4: Esquema representativo da segunda fase de entrevistas.

Na terceira fase de entrevistas, pedi a cada um dos professores de inglês, novamente individualmente, que lessem a entrevista feita com a professora coordenadora de inglês na primeira e na segunda fase de entrevistas, e que comentassem essas entrevistas. Segui esse mesmo procedimento com a professora

coordenadora de inglês em relação às entrevistas do professores, ou seja, pedi a ela que lesse e comentasse as entrevistas feitas com os professores de inglês na primeira e na segunda fase de entrevistas. Novamente, a leitura ocorreu na minha presença (geralmente, com o gravador desligado). As figuras abaixo (figuras 5 e 6) sintetizam a terceira fase de entrevistas. As setas de cor cinza simbolizam o momento de cada participante refletir sobre a entrevista feita por outro participante (professor/professora coordenadora).

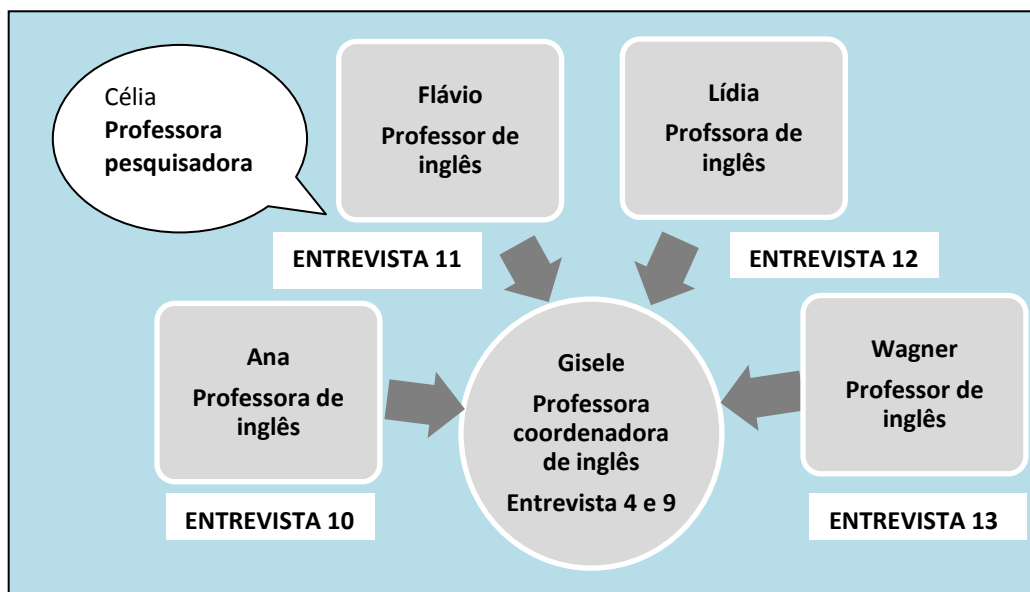


Figura 5: Esquema representativo da terceira fase de entrevistas com os professores de inglês.



Figura 6: Esquema representativo da terceira fase de entrevistas com a coordenadora de inglês.

O objetivo da realização da primeira fase de entrevistas era gerar dados para investigar as percepções dos participantes sobre o professor coordenador de inglês (papéis, funções, habilidades, etc). Na segunda fase, o objetivo era levar os participantes a refletirem sobre suas próprias impressões acerca do assunto em questão. Finalmente, a terceira fase de entrevistas visava levar os participantes a conhecerem os diferentes pontos de vista de outros participantes acerca das funções e papéis do professor coordenador de inglês bem como dos elementos que compõem o pensar e o agir desse profissional, no sentido de levá-los a refletir criticamente sobre tais visões e envolvê-los cada vez mais na investigação sobre o processo identitário do referido professor coordenador.

Ressalto que uma outra série de entrevistas com cada um dos professores de inglês, comentando as entrevistas de seus colegas professores realizadas na primeira fase, não foi cogitada devido a uma questão de disponibilidade de horários dos participantes. Uma entrevista com a professora pesquisadora no papel de entrevistada, ao invés de entrevistadora, foi desconsiderada em virtude desse procedimento não ser vital para o escopo deste trabalho. Ao interpretar/analisar as opiniões, histórias, e experiências dos participantes, a pesquisadora, de certa forma, revela as suas próprias visões sobre a construção de identidades do professor coordenador de inglês. Além disso, as entrevistas foram coconstruídas, ou seja, construídas com a participação da pesquisadora que também já viveu a experiência de estar na posição de coordenadora. Entretanto, não descarto a validade de tais entrevistas na investigação do processo de construção identitária do professor coordenador de inglês.

5.4.2.

A entrevista com a diretoria: a voz da instituição

A entrevista com a direção da instituição *locus* da pesquisa ocorreu no final do ano letivo de 2012. Essa entrevista foi realizada com a vice-diretora e o diretor juntos⁶, sendo que o diretor pediu para que a vice-diretora começasse a entrevista; enquanto isso, ele apenas a ouvia. Ao final da entrevista com a vice-

⁶ Esta entrevista foi feita com a vice-diretora e o diretor juntos devido a possibilidade de agendamento de horário com estes dois participantes. Entretanto, não solicitei o agendamento de outras entrevistas devido ao fato da direção ter poucos horários livres. Além disso, considerei que esta entrevista seria suficiente para os objetivos/escopo desta pesquisa.

diretora, o diretor, então, fez alguns comentários a respeito do que havia sido dito na entrevista com a vice-diretora.

Como preparação para a entrevista em questão, foram elaboradas previamente algumas perguntas norteadoras similares aquelas feitas aos outros participantes da pesquisa. Lembro que tais perguntas funcionam apenas como ponto de partida para a entrevista de pesquisa qualitativa, havendo a possibilidade de formulação de outras perguntas ou não, dependendo das respostas e reações dos participantes durante a interação. Adiante, encontram-se as perguntas formuladas.

- O que vem à sua mente, quando você pensa no trabalho do coordenador de inglês?
- Quais as funções/os papéis do coordenador de inglês?
- Que conhecimentos/habilidades são importantes para o desempenho das tarefas do coordenador de inglês na instituição onde ele trabalha?
- Há mais alguma coisa que você gostaria de dizer sobre o coordenador de inglês?

A figura a seguir (figura 7) esquematiza essa entrevista.

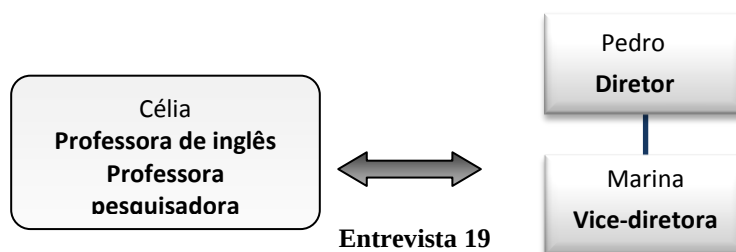


Figura 7: Esquema representativo da entrevista com a direção.

5.4.3.

Entrevista com a professora Ana: a troca de posições

No final do ano letivo, um acontecimento não previsto fez com que esta pesquisa fosse estendida para incluir mais uma entrevista com um dos participantes: Ana, uma das professoras de inglês. A professora Ana, à convite da direção do Colégio Brasil, assumiria a posição de professora coordenadora de inglês a partir do ano letivo de 2013. A indicação da professora Ana surgiu após a professora coordenadora de inglês, Gisele, ter pedido à direção para deixar de

exercer a função de coordenadora de inglês, permanecendo somente como professora dessa disciplina.

Para a entrevista com a professora Ana, foram elaboradas algumas perguntas norteadoras, procurando resgatar na entrevista a experiência como coordenadora que a professora Ana havia vivenciado em uma outra instituição. A construção de um elo associando uma experiência passada a outra experiência que se realizaria em um futuro próximo, poderia fazer Ana sentir-se mais confortável para falar de assuntos delicados durante a entrevista. As perguntas formuladas e a figura que ilustra a dinâmica de entrevista (figura 8) encontram-se abaixo.

- Você já foi coordenadora em uma outra instituição. Como você se tornou coordenadora nessa outra instituição e como foi essa experiência?
- Quando você veio trabalhar nesta instituição, já havia uma coordenação de inglês. Você poderia falar um pouco sobre essa coordenação?
- Atualmente você é professora de inglês nesta instituição, mas a partir de 2013 será coordenadora de inglês. Você poderia falar um pouco sobre essa troca de papéis?

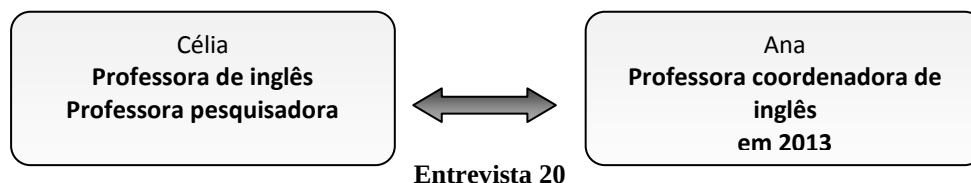


Figura 8: Esquema representativo da entrevista com a professora coordenadora de inglês indicada para o ano de 2013.

A transcrição das entrevistas foi feita segundo os critérios expostos a seguir.

5.5.

A transcrição dos dados

Marcuschi (2005) recomenda que a transcrição de uma conversa obedeça às normas que melhor se adequem aos propósitos da pesquisa, devendo sempre ser pertinente aos objetivos do trabalho. Sob a mesma perspectiva, Linde (1993, p. xi) associa a intensidade de uso dos sinais nos recortes discursivos ao foco específico da análise. Linde também argumenta (op. cit., p. xi) que um trabalho de pesquisa direcionado a uma audiência interdisciplinar não pode supor que todos os seus leitores tenham familiaridade com tais convenções.

Uma vez que este estudo visa analisar questões relativas à construção de identidades do professor coordenador de inglês sem incluir detalhamentos relativos a elementos da prosódia para sinalizar aspectos paralinguísticos, não houve a preocupação em se fazer uma transcrição refinada. Para os objetivos deste trabalho, tal refinamento seria interessante, porém não se configura como essencial. Por essa razão, somente algumas convenções de transcrição foram utilizadas, sendo que apenas os excertos de entrevista analisados apresentam essas convenções.

As convenções de transcrição utilizadas neste trabalho baseiam-se em estudos da Análise da Conversação (Atkinson e Heritage, 1984 e Gago, 2002) e incorporam símbolos sugeridos por Schifffrin (1987) e Tannen (1989), no âmbito da Análise do Discurso. Para facilitar a leitura dos excertos e a compreensão da análise feita, algumas palavras e trechos na transcrição estão destacados em **negrito** ou realçados em cor cinza. A tabela com as convenções de transcrição encontra-se nos anexos (Anexo 1).

5.6. Critérios de análise

Após várias leituras e audições dos dados transcritos, selecionei excertos, valorizando os trechos narrativos, que pudessem responder as perguntas norteadoras propostas no capítulo 1 (cf. p. 16), e que evidenciassem mais claramente as questões teóricas referentes à construção de identidades do professor coordenador de inglês apresentadas no capítulo 3.

Outros critérios para o estabelecimento dos fragmentos que fariam parte da análise foram os seguintes: 1) a seleção de excertos que representassem o discurso construído pelos diferentes participantes em diferentes etapas de entrevistas (cf. subseções 5.4.1 a 5.4.3 deste capítulo, p. 89-95); 2) a escolha de trechos que contemplassem temas em comum, isto é, abordados por todos ou pela maioria dos participantes; 3) a opção por aspectos que compusessem uma espécie de trajetória das diferentes etapas da vida profissional do professor coordenador de inglês, ou seja, o início da carreira como professor coordenador, as atribuições a serem exercidas, a preparação/formação para a posição, o desligamento da função, e, por último, a discussão sobre a vantagem em atuar nos espaços educacionais como professor coordenador.

Com base nos critérios de seleção mencionados, a análise dos dados gerados encontra-se dividida em seis categorias de análise, que compõem as seis seções nas quais o capítulo 6 está dividido. As cinco primeiras seções compõem os blocos temáticos que representam a vida profissional do professor coordenador de inglês: O convite para tornar-se professor coordenador; As atribuições do professor coordenador de inglês; A formação do professor coordenador; O desligamento da função; A vantagem em “ser”/“estar” coordenador. A última seção é dedicada à reflexão gerada pelas perguntas norteadoras desta pesquisa.

O segundo bloco temático (As atribuições do professor coordenador de inglês) encontra-se dividido em três subseções em uma tentativa de representar as identidades do professor coordenador de inglês através de três diferentes óticas: a dos professores de inglês, a da professora coordenadora de inglês e a da direção da Instituição. Saliento que refiro-me à subdivisão dos grupos como uma *tentativa* de representação porque há sobreposições entre as visões acerca das identidades do professor coordenador sob as perspectivas dos professores de inglês e da professora coordenadora, uma vez que dentre os quatro professores participantes, dois já exerceram a função de coordenador. Por isso, suas visões mesclam-se.

Ainda em relação à seleção dos excertos para a análise, informo que não há uma representação igualitária dos diferentes participantes em termos de quantidade, ou seja, o mesmo número de excertos analisados para cada participante, embora tenha havido essa preocupação. A escolha dos excertos foi feita, prioritariamente, em face à contribuição dos participantes para o entendimento das questões de pesquisa. Alguns participantes geraram mais informações que contemplam o assunto investigado e, conseqüentemente, um número maior de trechos de suas entrevistas são analisados, como é o caso da professora coordenadora Gisele e do professor Flávio. Lembro que os participantes entrevistados fazem suas escolhas acerca do que compartilhar (cf. subseção 5.2.3 deste capítulo, p. 81) e que o participante entrevistador também faz escolhas a respeito do que selecionar e transcrever para a análise dos dados, pois todos estão (co)construindo significados e identidades.

Quanto à ordem de apresentação e análise dos excertos, informo que tal ordem não obedece, necessariamente, a sequência cronológica de realização das entrevistas. A ordem estabelecida está associada à seleção dos temas discutidos.

Entretanto, para referência do leitor, ao lado do número de cada excerto, encontra-se o número da entrevista, que pode ser lida na íntegra nos anexos,.

No próximo capítulo, dedicado à análise dos dados gerados, veremos em cena, os participantes apresentados neste capítulo, personagens da prática discursiva construída no Colégio Brasil. Em foco, a professora coordenadora de inglês, Gisele, cujas identidades de coordenadora são (re)configuradas por ela mesma, por seus coordenados e pela direção da escola, no contexto desta pesquisa, em meio a respostas aos meus próprios questionamentos, a narrativas, e a metáforas. Enfim, em meio a vida, que toma rumos inesperados e que proporciona a troca de posições, ou de funções, que marca o final deste estudo.